
FAMÍLIA E AUTISMO: Psicodinâmica Familiar diante do Transtorno e Desenvolvimento Global na Infância

Larissa da conceição Pinto Monte¹
Arlan Amanajás Pinto²

RESUMO

Este estudo teve como objetivos compreender como se dá a dinâmica familiar diante da criança com transtorno autista e identificar as alterações afetivo/emocionais dos pais. A metodologia utilizada é a revisão de literatura através de artigos, teses e monografias, indexados nas bases de dados Scielo, Lilacs, CAPES, Bireme e livros. Os conceitos utilizados para a pesquisa foram: contexto familiar, cuidadores de crianças autista e a psicologia. O resultado verificado diante dos artigos revisados foi de que os pais ou familiares de crianças autistas se encontram expostos ao estresse por motivos diversos. No resultado e discussão, averiguaram-se a mudança na rotina da família, os vários profissionais e atendimentos que a criança necessita realizar, os aspectos financeiros, os medos de quem irá cuidar de uma criança acometida de autismo e sentimentos de desvalorização dos pais diante à sociedade. Por fim, evidencia-se a necessidade de mais pesquisas sobre a temática autismo e a psicodinâmica familiar frente ao transtorno autista.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Família. Psicodinâmica.

INTRODUÇÃO

Ao esperar o nascimento de uma criança, a família é envolvida por expectativas: de como será a criança, se será homem ou mulher, sua forma física e até sobre sua personalidade, se sua genética será mais parecida com a da sua mãe ou de seu pai. Os sentimentos de amor, medo e carinho também fazem parte disso. Quando a família verifica que possui um filho acometido pelo transtorno autista,

¹ Acadêmica do 10º semestre do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio SEAMA.

² Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio SEAMA, Psicólogo Clínico e Especialista em Neuropsicologia.

essas expectativas de como será a criança, sua genética, personalidade, futuro, amor, medo e carinho, tornam-se mais intensa e confusa. Podem ocasionar comprometimento e mudanças em relação aos aspectos afetivo-emocionais dos pais e como consequência ocorrem prejuízos na psicodinâmica familiar.

O termo autismo vem do grego “*autós*” que significa “de si mesmo” e é segundo Assunção, Kuczyski, Gabriel e Rocca (2000) descoberto em 1943 por Kanner que o definiu como distúrbio de contato afetivo caracterizado por “[...] obsessividade, estereotípias e ecolalia. Esse conjunto de sinais foi [...] visualizado como uma doença específica relacionada a fenômenos da linha esquizofrênica”.

Verifica-se que o termo autismo recebe a caracterização como distúrbio de contato afetivo. O DSM - IV-TR – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais apresenta o autismo (Transtorno Autista) como um Distúrbio Global do Desenvolvimento caracterizado por prejuízos comportamentais que são agrupados em três categorias como: comprometimento da interação social, comprometimento da comunicação e padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento (Associação Psiquiátrica Americana- APA, 2003).

Em relação à etiologia do autismo, Klin (2006) afirma que o autismo, atualmente, faz parte de um conjunto de comportamentos, onde sua etiologia pode ter múltiplos fatores e influências, tais como: genética, social, cultura ou vírus.

Diante destes dados sobre a temática observada, o estudo teve como finalidade analisar como ocorre a psicodinâmica familiar diante de um filho acometido pelo transtorno autista e também identificar se ocorrem alterações emocionais dos pais.

O estudo se organiza inicialmente pela introdução já citada. Posteriormente, pelo método em que se suscitam as etapas do estudo. Em seguida abordam-se os resultados alcançados. Por fim, a discussão na qual se analisa e fomenta-se o tema. Em seguida, desenvolvem-se as considerações finais e os estudos sugeridos.

MÉTODOS

O tipo de pesquisa utilizado é de revisão de literatura, à qual inclui um estudo de exposição em que será exposto um tema apenas a partir da análise e síntese de

diversas pesquisas, com finalidade analítica em pesquisar de maneira sistemática sobre as revisões do tema proposto, com abrangência temática com um recorte específico de um determinado tema (Autismo, família e psicologia), que tem a finalidade de delinear ou analisar as características de fatos ou fenômenos. (MOREIRA 2004)

Procedimento de obtenção dos dados

Para este estudo, foram utilizados aproximadamente um capítulo de livro; uma dissertação e cinco artigos científicos encontrados nos sites *Scielo*, *Bireme*, *Lilacs* e Domínio Público vinculados à base de dados CAPES, de acordo com as palavras-chave empregadas pelo estudo. O material encontrado se enquadrou nos critérios de inclusão que são:

- a) Artigos e capítulo (s) de livro(s) de autores que na psicologia discutem autismo e psicodinâmica: Francisco B. Assumpção Jr, Maria Helena Sprovieri, Carolina Lampreia
- b) Artigos de autores que discutem a família e autismo: Carlo Schmidt, Maria Ângela Bravo Fávero & Manoel dos Santos, Aline Abreu Andrade.
- c) Artigos e capítulo (s) de livro(s) de autores que discutem sobre família e pessoas com deficiência e necessidades especiais: Maria Regina Cazzaniga Maciel & Gema Paniagua.
- d) Para a seleção das teses, dissertações, monografias e artigos foram utilizados os seguintes critérios de inclusão:
 - Critério Temático: apenas teses, dissertações, monografias e artigos relacionados ao objeto de estudo, ou seja, a partir das palavras-chave: Autismo, Família e Psicologia;
 - Critério Linguístico: apenas teses, dissertações, monografias e artigos encontrados em língua portuguesa;
 - Critério Cronológico: teses, dissertações, monografias e artigos publicados entre os anos de 1989 a 2012. Foram utilizadas as três últimas décadas pelo intuito de estudar o fenômeno no período médio de pesquisa.

Procedimento de análise

Inicialmente, os estudos encontrados no período 1989 a 2012, foram submetidos a uma leitura geral e organizados de acordo com ano e natureza da publicação. A seguir, os estudos passaram por uma leitura atenta, buscaram-se os pontos de convergência entre os assuntos tratados nos textos. Os resultados foram a construção de uma tabela para analisar a psicodinâmica e as alterações emocionais dos pais.

RESULTADOS

Nesta seção, apresentam-se os resultados referentes à temática autismo, mais especificamente sobre as obras que discutem o autismo e sua psicodinâmica. É importante apresentá-los para esclarecer como foi abordada a temática de estudo.

Em referência à tabela 1, retifica-se que as publicações compreendem os seguintes autores: Fávero & Santos (2005); Paniagua (2004); Camargo (2009); Lampreia (2007); Andrade (2012); Sprovieri & Assumpção (2001); Schmidt & Bosa (2007); Maciel (2000). Os autores abordam o tema autismo com o qual demonstram que os pais quando descobrem a doença dentro da família se sentem angustiados e tendem a desenvolver sintomas emocionais como estresse e desvalorização.

Tabela 1. *Autismo e Psicodinâmica e as alterações emocionais dos pais.*

Autores	Título	Natureza da Publicação	Ano	Síntese dos autores
MACIEL, Maria Regina Cazzaniga.	Portadores de deficiência: questão da inclusão social	Artigo.	2000	O nascimento de um bebê com deficiência ou aparecimento de qualquer necessidade especial em algum membro da família altera consideravelmente a rotina no lar. Os pais logo se perguntam: Porquê? De quem é a culpa? Como agirei daqui para frente? Como será o futuro de meu filho?
SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B	Dinâmica familiar de crianças autistas	Artigo.	2001	Algumas categorias por nós avaliadas parecem mais comprometidas frente ao problema, no que se refere a auto estima (um filho com doença-crônica desvaloriza a família), com a família não contando com a compreensão da sociedade, por esta geralmente depreciar as crianças deficientes.
PANIAGUA, Gema et al.	As famílias de crianças com necessidades educativas especiais.	Capítulo 17 do livro As famílias de crianças com necessidades educativas especiais	2004	Desde o momento em que os pais ficam sabendo da existência de uma deficiência, a preocupação com o presente e o futuro da criança aumenta enormemente. Essa preocupação de fundo acompanha a família por toda a vida, com maior ou menor intensidade dependendo dos casos, do momento evolutivo da criança, dos recursos pessoais e das condições de vida.
SCHMIDT, Carlo.	Estresse, auto-	Dissertação de	2004	O que realmente parece contribuir para o



	eficácia e o contexto de adaptação familiar de mães de portadores de transtornos globais de desenvolvimento.	mestrado		estresse materno é a sobrecarga das responsabilidades e o conseqüente isolamento, pois muitas abdicam de trabalhar fora e ter uma carreira.
FÁVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, MA dos.	Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura	Artigo	2005	Os estudos revisados ressaltam que, a respeito da falta de um padrão peculiar de respostas, a presença recorrente do achado da condição de ter como um de seus membros uma criança portadora de transtorno autista, constituiu fonte elucidadora de estresse nos pais, que acarreta uma sobrecarga, principalmente, de natureza emocional.
LAMPREIA, Carolina.	A perspectiva desenvolvimentista para intervenção precoce no autismo	Artigo	2007	A família pode apresentar diversos aspectos estressores, já de início as múltiplas informações recebidas através do diagnóstico, a sintetização de informações, a saúde, tratamento, rotinas e horários farão parte deste momento familiar onde cada pessoa irá ter uma percepção diferente, podendo ter reflexo na criança.
ANDRADE, Aline Abreu et al.	Família e Autismo: uma revisão da literatura	Artigo.	2012	Torna-se necessário o enfoque em intervenções centradas nos pais, tornando-os aptos a funcionarem como parceiros ativos importantes no tratamento do Autismo, uma vez que esse deve ser intensivo, abrangente e duradouro.

É importante destacar que a distribuição dos estudos em hierarquias cumpre a função de sistematizar as informações como ponto de partida para as discussões acerca da produção do conhecimento sobre a dinâmica dos pais frente seu filho autista. De certa forma, trata-se de uma organização didática, e objetiva a expor ao leitor uma visão mais específica a respeito dos estudos que constituem o *corpus* de análise.

DISCUSSÃO

Com relação à tabela 1, para os autores Fávero e Santos (2005) o estresse encontrado em famílias de crianças autistas pode estar vinculado a diversos fatores como: as comparações ou associações de que na família exista um membro com transtorno autista, a rotina diária de terapias, visitas constantes aos médicos, remédios, fatores financeiros. Esses fatores já podem influenciar profundamente os aspectos emocionais da família. Já Paniagua (2004) evidencia que em algumas famílias o nascimento de uma criança autista pode apresentar um movimento solidário entre os membros do grupo ou ainda uma ruptura por possíveis discordâncias entre os familiares.

Verifica-se que o nascimento de uma criança autista pode apresentar reações diversas nos membros familiares que vão desde o estresse gerado pela mudança na rotina com terapias, médicos, gastos com medicamentos. A solidariedade e rupturas também podem estar presentes em algumas famílias. Cada família reagirá de maneira diferente, não existe uma definição exata ou padrão de comportamento da família, isso depende da sua proximidade com a criança e de acordo com as expectativas que criou em torno da criança diagnosticada com autismo.

Destaca-se também um outro fator que é a comunicação da criança autista, com a sociedade externa podendo gerar segundo Camargo (2009) uma reação de tensão ou resistência por parte dos pais, pois temem reações adversas. Já Paniagua (2004) acredita que este contato externo é importante para a criança, porém necessita ser cauteloso e a presença da família neste contexto do aprendizado é fundamental.

Diante do que é explicitado, averigua-se que os pais possuem temores e resistências quanto à maneira que ocorrerá a comunicação de seu filho autista com os demais membros da sociedade, pois temem as reações que seu filho possa ter, como: crise, grito, choro, agressões verbais ou físicas e ainda agitação. Os pais temem que esses comportamentos, possam vir à exposição social e de vivenciar sentimentos de vergonha, tristeza. Demonstra-se que ansiedade ou alívio possam trazer prejuízos em suas relações a vislumbrarem que os pais receiam como ocorrerá a comunicação do seu filho com o meio social.

Para Semensato, Schmidt & Bosa, (2010) com a dificuldade na comunicação com os filhos, os pais tentam imaginar através dos comportamentos e gestos o que a criança quer dizer. Quando a criança possui sucesso na comunicação os pais apresentam satisfação e aspectos positivos quanto ao processo.

Diante do que é explicitado, o receio por parte dos familiares quanto à comunicação da criança autista é muito forte, pois os familiares possuem expectativas pela comunicação e troca de informações com a criança. Quando essa comunicação com o filho demora a ocorrer, os pais se sentem frustrados e ansiosos e realizam comunicação com a criança: através de trocas, brincadeiras, interpretações, sinalizações, os pais tentam de toda maneira compreender os significados e gestos que a criança realiza. Quando a criança consegue estabelecer e manter a comunicação com os pais, estes comemoram o avanço do filho. Sentem-

se fortalecidos quanto ao processo terapêutico de que ele e seu filho participam. Sentimentos de esperança e alegria podem ser vivenciados quando os pais e a criança experimentam esse instante de troca de informações através da linguagem.

Segundo Lampreia (2007) a família pode apresentar diversos aspectos estressores como: demora em obter diagnóstico e frustrações. Após isso, há o processo de assimilação, em que são verificadas muitas informações sobre o transtorno autista. Para Semensato, Schmidt & Bosa (2010) os pais se sentem fracassados diante da demora do diagnóstico, sentem como se tivessem perdido tempo e temem prejudicar o aprendizado de seu filho, pois os anos iniciais são fundamentais para a terapêutica da criança e seu desenvolvimento.

Os pais quando recebem o diagnóstico de que seu filho é acometido pelo transtorno autista, apresentam uma organização, que se caracteriza da seguinte maneira: a nova agenda de horários, atendimentos, consultas, alimentação. Essa organização pode gerar uma carga de estresse inicial.

Ainda como um dos fatores de estresse é a demora em obter o diagnóstico, que pode levar os pais a vivenciarem sentimentos de raiva e culpa, pois acreditam que se tivessem tido acesso mais cedo às informações do diagnóstico, poderiam, ter iniciado o processo terapêutico de seu filho mais precocemente, e obteriam resultados positivos e avanços na terapêutica.

Logo, a frustração também pode ser vivenciada pelos pais ou familiares, pois com a demora do diagnóstico, acreditam que perderam tempo, que poderiam ter feito algo de imediato para evitar tal diagnóstico. O fato é que nesse momento os pais tentam assimilar as informações, compreender e até achar culpados por terem um filho com diagnóstico autista. Contudo, quando os familiares não recebem as informações necessárias e básicas sobre o transtorno autista como: sua possível etiologia, tratamento e desenvolvimento, não são repassadas à família, isto potencializa ainda mais as frustrações vivenciadas.

Para Andrade & Rodrigues (2010) os pais precisam de acompanhamento e intervenções, pois como ainda não possuem informações ou experiências sobre a temática, os sentimentos de medo e insegurança tornam-se presente para as famílias que possuem uma criança "diferente". Isto é, algo que repercuti nos membros da família de maneira que cada um terá uma maneira subjetiva para reagir.

Diante do exposto, os sentimentos que se apresentam nos pais frente a seu filho acometido de transtorno autista são: medo e insegurança. Esses são resultados de uma realidade pouco conhecida por eles, sentem medo: porque geralmente não receberam as informações corretas sobre o transtorno autista, e que receberam informações distorcidas sobre a temática, possuem medo de como será o futuro da criança e ainda se sentem inseguros, por não saberem como lidar e agir com a situação.

Nesse contexto, os pais necessitam de acompanhamento psicológico, pois passam a vivenciar, tais sentimentos com cargas intensas de emoções, podendo gerar um estado de confusão mental. Cada membro familiar irá reagir de maneira singular a essas informações, e é através de acompanhamento, intervenções terapêuticas que informações podem ser obtidas, o que resulta na alteração da autoestima, dissolução dos estigmas e informações distorcidas.

Segundo Sprovieri, Assumpção Jr. (2001) o fator autoestima apresentou maior comprometimento, pois um filho com tal doença desvaloriza a família. É como se a família não pudesse contar com apoio da sociedade, pois esta geralmente desprestigia crianças deficientes. A família vivencia uma pressão social quando tem um integrante que não corresponde às expectativas sociais. Já para Smeha & Cesar (2011) quando as mães verificam que seus filhos estão diminuídos diante da sociedade, logo ela também irá se perceber da mesma maneira, se a mãe percebe algo diferente em volta de seu filho. Tal como um olhar diferenciado ou comentários, esse fato a leva desenvolver mecanismos de proteção que exige um tempo maior e integral de dedicação à criança.

Para Maciel (2000) ter um filho com deficiência ou qualquer necessidade especial, modifica a dinâmica da família, suas tarefas, as perguntas e questionamentos surgem. Os questionamentos mais comuns são porque a família teve um filho com deficiência, quem são os culpados por isso e como será o futuro de seu filho.

Diante disso, é possível evidenciar que a autoestima da família, torna-se molestada perante seu filho autista. De modo que esse fato faz com que a família se sinta diminuída e desprestigiada frente à sociedade. Como se o valor e estima que as famílias possuem, como suas tradições, normas e valores, tornassem-se questionáveis. É como se a família juntamente com seu filho “deficiente” se

distanciasse dos ideais apresentados pela sociedade, a família vivencia ser diferente, que pode se isolar como a mãe que percebe seu filho discriminado e afasta e experimenta sentimentos de inadequação perante à realidade social.

A família também se questiona quanto ao fato de ter uma criança deficiente e querem compreender se há culpados, como será a independência do seu filho no futuro. A sociedade de maneira indireta contribui também para essas cobranças e pressões no ambiente familiar.

Paniagua (2004) afirma que no passado as famílias de crianças autistas sofriam com o estigma de que eram culpados ou de que rejeitavam o filho, ocasionando o nascimento do filho com transtorno autista. Atualmente, já são reconhecidas fundamentalmente no tratamento da criança e criam planos de maneira a favorecer o vínculo familiar. Mas para Falchetto (1989), Sprovieri & Assumpção Jr. (2001) as famílias de crianças autistas possuem dificuldades mais explícitas no sentido de fortalecer esse vínculo, tais como comunicação, afeto e contato, tornando-se distantes das crianças com autismo.

É possível verificar que houve uma mudança no paradigma de que antes os pais eram considerados culpados pelo nascimento do filho autista, pois alguns teóricos acreditavam que em algum momento do processo de gravidez a negação ou rejeição sobre a criança poderia ser a principal variável para o acometido do autismo na criança. Então atualmente, esta teoria está sendo modificada como uma variável principal, na qual os pais tornam-se membros essenciais no processo terapêutico de seu filho, de maneira que o fortalecimento do vínculo com a criança está sendo cada vez mais importante e decisivo no desempenho da criança.

Ainda sim para os autores Falchetto (1989), Sprovieri & Assumpção Jr. (2001) os pais de crianças autistas comparado com outras famílias que possuem filhos com algum transtorno, apresentam uma maior dificuldade no sentido de estabelecer o vínculo com a criança. Em razão do comprometido na comunicação e fala que a criança autista possui, esse fator pode dificultar a aproximação entre os pais e a criança.

Apesar de reconhecer a capacidade da família em resignificar e viver de maneira “normal” com a criança autista. Paniagua (2004) evidencia que existem pais que se sentem culpados ou acreditam que podem estar sofrendo algum tipo de castigo quando tem um filho com deficiência. Segundo Kübler-Ross & Menezes

(1989) fazem parte do processo luto, alguns estágios, por vezes nem todos vivenciam esse processo em uma linha tênue, podendo ser diferente para cada pessoa que o vivencia:

No primeiro estágio, a negação e isolamento, ou seja, é a informação sobre a doença, então como mecanismo de defesa a negação aparece neste sentido de não querer compreender ou entender o diagnóstico, é a negação causada pela ansiedade e não querer entrar em contato com essa informação.

No segundo estágio, a raiva está presente como uma revolta e questionamentos como: Por que isso aconteceu comigo? Por que eu?, A presença da agressividade torna-se presente, podendo atingir todas as pessoas que estão próximo.

No terceiro estágio, barganha, tentam negociar ganhos e perdas, para adiar seus temores, neste momento é comum encontrar promessas seja para com Deus ou para os profissionais da saúde.

No quarto estágio, a depressão surge como o luto pelo o que a pessoa perdeu, seja seus planos e objetivos que teve de interromper, seja pela idealização da pessoa que perdeu. A depressão pode estar caminhando para aceitação e reflexão sobre si.

No quinto estágio, aceitação, a pessoa encontra-se mais tranquila diante da perda ou luto, neste estágio a pessoa torna-se mais sensível a expressar sentimentos, emoções e dificuldades.

Diante dos estágios vivenciados pelo luto, neste caso se refere ao luto pela perda da criança idealizada. Constata-se que a família ao obter a avaliação médica de que seu filho possui o transtorno autista pode passar a vivenciar os estágios de luto, nos quais gradativamente ela inicia uma desconstrução sobre o ideal de filho perfeito que aguardava. Essa perda representa algo importante para família, pois não contava que algo diferente fosse ocorrer, e passa de modo frágil e delicado ao processo de compreensão sobre a perda.

Verifica-se que os questionamentos ocorrem com frequência nas famílias diante do diagnóstico, os familiares se questionam quanto à sua causa, sofrimento ou até mesmo castigo que estejam pagando em sua vida. Obter diagnóstico sobre uma doença ou transtorno é um processo de luto pelas perdas ou limitações que este pode representar para as pessoas, neste caso a criança e sua família.

Para Maciel (2000) os pais começam imaginar muitas situações que resultam em uma fragilidade no ambiente familiar. Os sentimentos de insegurança, culpa, medo do futuro, rejeição e revolta são resultados das ideias de preconceito na sua história de vida que faz com que a família vivencie isolamento e discriminação.

Portanto, a psicodinâmica como o isolamento e a discriminação dos pais frente ao seu filho autista é resultado de sentimentos como: insegurança, culpa, medo, rejeição e revolta sobre a realidade. A família no momento inicial quando ainda encontra-se no processo de assimilação das informações sobre o transtorno autista e sobre a elaboração de seu luto. Caracterizam-se com os seguintes aspectos como a suspeita pelos alarmes frente a essa realidade em que a família necessita se adaptar para poder acolher seu filho de modo a não desampara-lo por não compreenderem como lidar com ele.

Assim, a família passa a vivenciar também uma fragilidade psíquica, causada pelo medo da situação nova, diferente, inesperada, preconceito diante da sociedade. Os preconceitos existentes dentro da própria família geralmente velados, e desconhecidos, que eclodem nesse instante entram em contato com essa realidade familiar e social.

Para Andrade & Rodrigues (2010) o fator estresse está presente no ambiente familiar principalmente nas mães de crianças autistas. Já Schmidt & Bosa, (2007) afirmam que depressão surge pela dinâmica de estresse dos pais de crianças autistas. Em muitos casos ainda ocorre o divórcio entre os pais e os irmãos acabam não recebendo atenção. Sprovieri & Assumpção Jr. (2001) dizem ainda que há o fator financeiro, os gastos com profissionais especializados e medicamentos podem contribuir para essa carga de estresse inicial.

Então, segundo Oliveira (2006) o estresse ocorre, como consequência da mudança ocorrida no âmbito familiar que gera um estado de instabilidade, o fator emocional ainda une-se ao estresse que potencializa o estressor. É possível verificar como a mudança ocorrida na vida de uma pessoa pode gerar reações imensuráveis, inclusive de aspecto emocional, o fator equilíbrio pode ser mostrado como sutilmente abalado. Caminha-se para uma assimilação sobre essa mudança. Então, é neste momento que pode ser verificado de maneira notória o estresse que será atrelado a um significado para pessoa e como consequência dessas interferências emocionais. Schmidt (2006) que realizou estudos com mães de crianças autistas com objetivo de

verificar níveis de estresse, utilizou o inventário de sintomas de estresse para adultos ISSL (LIPP, 2000) e verificou:

Os níveis de estresse avaliados pelo Inventário de sintomas de estresse para adultos de Lipp (ISSL), expostos na Tabela 1, revelaram que 21 (70%) mães apresentaram indicadores de estresse, sendo que, destas, treze (43,3%) encontram-se na fase de Resistência, seis (20%) na fase de Quase-Exaustão e duas (6,7%) na fase de Alerta. Quanto aos sintomas decorrentes do estresse, 43% apresentam predomínio na esfera psicológica (ex.: ansiedade diária, hipersensibilidade emocional, apatia), 38% na física (ex.: hipertensão arterial, taquicardia, sudorese excessiva) e 19% apresentam igualdade entre sintomas físicos e psicológicos.

Averigua que as mães apresentam altos índices de estresse psicológico com vasões para o corpo físico. Os fatores psicossomáticos influenciam no surgimento de outras patologias. Diante do estudo, ainda é verificado que cada mãe encontra-se em fases de que necessitam ter atenção e acompanhamento uma vez que as mães não conseguem realizar o resignificado e elaboração desta vivência. Os níveis de estresse podem aumentar e provocarem efeitos devastadores psicologicamente para essa mãe, familiares e principalmente para a criança autista. Porém para, Fávero (2005) estudos revisados revelam que enquanto algumas mães possuem comprometimento psíquico, outras mães conseguem obter qualidade de vida.

O estresse pode alterar a psicodinâmica da família e principalmente a da figura materna, que é considerada a figura primordial na recuperação de seus filhos. Sendo que os estudos explicitados, a mãe também é portadora principal de aspectos estressores, levam em consideração seu tempo de dedicação e envolvimento nas atividades terapêuticas da criança. Alguma mãe tem que abrir mão de sua carreira profissional para se dedicar integralmente aos processos terapêuticos de seu filho, consideram que as rotinas das terapias são intensas em que as mães são as que se fazem presente, disponíveis e participantes.

Para Fávero e Santos (2005), Sprovieri e Assumpção (2001), Schmidt & Bosa (2007), o estresse de pais de crianças autistas apresentam altos índices. Pode estar vinculado a questionamentos: quanto a fatores genéticos da família, o cuidar permanente com a criança e ainda o comprometimento cognitivo da criança. O fator verificado como fonte elucidadora e principal de estresse entre as famílias está associado aos aspectos cognitivos agressivos da criança. Pois, é a partir deste que os pais começam a questionar quanto ao futuro, como irá ocorrer a independência enquanto adolescente ou adulto, enfim os pais demonstram receio e

questionamentos de quem irá cuidar e como cuidará de seu filho quando estes não estiverem próximos.

Diante do que é explicitado, verifica-se que os pais de crianças autistas estão expostos a índices altos de estresse, por muitos fatores e questionamentos já citados. Entretanto, os fatores que se destacam como prejuízos emocionais na família são em relação aos aspectos cognitivos e agressivos em direção ao seu filho, pois é a partir destes que os pais possuem aspirações, temores e medo quanto ao desenvolvimento de seu filho. Aos aspectos cognitivos, pois os pais possuem ansiedade quanto ao processo de aprendizado, como irão aprender, se terão facilidade e dificuldade em sua fala, escrita, independência ou se os aspectos agressivos permanecerão, gerando a possibilidade de medicamentos controlados, provocando maiores anseios e frustrações na família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao receber o diagnóstico de autismo, os pais apresentam vários questionamentos, dúvidas e medos quanto ao futuro, como será e se seu filho poderá ter uma vida normal, questionamentos quanto a culpados, os pais querem identificar causas e influências dos genes. Enfim, é o momento dos questionamentos mais profundos como: Porque isso aconteceu comigo? Logo após os pais podem apresentar a não aceitação, revolta e raiva da situação e somente depois de obter o conhecimento sobre o transtorno. Após as informações recebidas corretamente os pais poderão caminhar para a resignificação quanto ao futuro, sobre o tratamento para diminuição dos sintomas bem como caminhar para o processo de aceitação e resignificação.

É justamente nesse processo de raiva, negação, sentimentos de culpa, medo, assimilação de informações que os pais estão vulneráveis com comprometimentos de suas emoções e sentimentos. É neste momento que a família vivencia alterações e modificações como se fosse um complexo de emoções em um único momento.

Encontraram-se as variáveis em comuns em estudos revisados, como o estresse familiar, medo do futuro e sentimento de desvalorização. Mas também foi mensurado que autores afirmam que é em meio ao estresse que a família apresenta os sentimentos de solidariedade, união e fortalecimento do vínculo familiar. Também

estão presentes em muitas outras famílias, que resignificam, seja, através de justificativas religiosas e/ou esperança no tratamento sua realidade. Então, sugere-se que se façam estudos sobre concepção de família, de pais na modernidade em relação a crianças que apresentam algum tipo de necessidade educativa especial para que dessa maneira se possa vislumbrar que tipo de acompanhamento psicológico possa se exercer sobre ela. É notória também ainda a observação que estudos ainda precisam ser realizados para evidenciar de que ainda se torna necessário a compreensão do espectro autista e suas diversas concepções na cultura ocidental nessas novas concepções de família na atualidade.

FAMILY AND AUTISM: Family Psychodynamic in Front of a Disorder and Global Development in Childhood.

ABSTRACT

This study aimed to understand how is the family dynamics with children with autistic disorder and identify the affective / emotional changes of parents. The methodology used is to review of literature through articles, theses and monographs indexed in databases SciELO, Lilacs, CAPES, Bireme and books. The concepts used in the research were: family background, caregivers of autistic children and psychology. The results observed on the reviewed articles were parents or relatives of autistic children are exposed to stress for several reasons. In the results and discussion have investigated the change in the family routine, the many professionals and attendances that the child needs to achieve, the financial aspects, because the family needs to pay for drugs, consults, professionals, fears of who takes care and who will take care of a children afflicted with autism, feelings of depreciation of the parents in front of society. Finally, it highlights the need for more research on the subject autism and family psychodynamics in front of autistic disorder.

KEYWORDS: Autism. Family. Psychodynamic.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Aline Abreu et al. Família e autismo: uma revisão da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 5, n. 2, p. 133-142, 2012.

- ANDRADE, Fabiana Azevedo de; RODRIGUES, Lilian Cavalheiro. Estresse familiar e autismo: estratégias para melhoria da qualidade de vida. **Psicologia IESB**, v. 2, n. 2, 2011.
- BAPTISTA, C. R.; VASQUES, C. K. Rublesck. Educação e transtornos globais do desenvolvimento: Em busca de possibilidades. **Cadernos da APPOA**, v. 114, p. 31-36, 2003.
- CAMARGO, Síglia Pimentel Höher et al. Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura. **Psicologia e Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.
- DE OLIVEIRA, Edson Alves. Delimitando o conceito de stress. **Ensaio e Ciência**, v. 1, n. 1, p. 11-18, 2006.
- FALCETO, Olga Garcia. Diagnóstico psiquiátrico da família: um esquema. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Rio Grande do Sul, v. 11, n. 2, p. 131-6, 1989.
- FÁVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, MA dos. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 358-369, 2005.
- HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, 2009.
- KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. Supl I, p. 03-11, 2006.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth; MENEZES, Paulo. **Sobre a morte e o morrer**. Martins Fontes, 1989.
- LAMPREIA, Carolina. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. **Estudos de psicologia**, v. 24, n. 1, p. 105-114, 2007.
- MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 51-56, 2000.
- PANIAGUA, Gema et al. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In.: COLL, C. et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 59, n. 2, 2007.

_____ . A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 111-120, 2003.

SEMENSATO, Márcia Rejane; SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice Alves. Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais. **Aletheia**, n. 32, p. 183-194, 2010.

SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. Dinâmica familiar de crianças autistas. **Arquivo de Neuropsiquiatria**, v. 59, n. 2-A, p. 230-237, 2001.